



O MARIANISMO SITUADO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE SOBRAL, CEARÁ

MARIANISM SITUATED IN GEOGRAPHICAL SPACE OF SOBRAL, CEARÁ

Antonio Jarbas Barros de Moraes – UFC – Sobral – Ceará – Brasil
jarbasgeografia@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo foi realizar uma interpretação de algumas lugaridades situadas a partir do marianismo, vinculado ao bispado da diocese de Sobral, no estado brasileiro do Ceará. Na metodologia produzimos uma revisão de fontes documentais bibliográficas, lançando mão da categoria espaço geográfico correlacionada com os conceitos de cultura e lugar. Os sites, matérias de jornais, redes sociais, iconografias e experiências de sete anos na cidade também orientaram a abordagem geográfica. Partimos do pressuposto de que, se há um movimento eclesial na cultura cuja masculinidade é privilegiada em detrimento de temas como do sagrado feminino, teremos também um movimento espacial de tensões conceituais sob um processo, devocional e patrimonial, dimensionado do Nordeste à geografia latino-americana, no debate geopolítico da religião.

Palavras-chave: Espaço Geográfico, Cultura, Lugaridade, Marianismo.

ABSTRACT

The aim of this article was to perform an interpretation of some placeness laces located from the Marianism, linked to the bishopric of the diocese of Sobral, in the Brazilian state of Ceará. In the methodology, we produced a review of bibliographic documental sources, making use of the geographic space category correlated with the concepts of culture and place. Websites, newspaper articles, social media, iconographies and seven-year experiences in the city also guided the geographic approach. We assume that, if there is an ecclesial movement in culture whose masculinity is privileged over themes such as the sacred feminine, we will also have a spatial movement of conceptual tensions under a devotional and patrimonial process, dimensioned from the Northeast to Latin American geography, in the geopolitical debate of religion.

Keywords: Geographical Space, Culture, Placeness, Marianism.

INTRODUÇÃO

Este artigo não é uma análise exclusiva acerca das manifestações de Nossa Senhora de Fátima e dos fluxos do turismo religioso difundido, internacionalmente, pelo espaço geográfico, assim como feito em Poças Santos (2006). No entanto, a dinâmica de fatimização ou fatímida de difusão como, por exemplo, a partir de Fátima, em Portugal,

ou Lourdes, na França, é parte de um marianismo hierárquico com poder de ocorrência plural e inspirador de estratégias geopolíticas religiosas.

É nesse movimento que encontramos configurações necessárias para uma discussão específica sobre espaço geográfico. Em simultâneo, objetivou-se uma interpretação de algumas localidades situadas a partir do marianismo, vinculado ao bispado fatímida – sendo difundido multidirecionalmente – da Diocese de Sobral, no estado brasileiro do Ceará. Por isso, defendemos aqui um processo mais difuso que hierárquico a partir da referenciada diocese.

O marianismo, a cultura das devoções marianas, seja secularmente ou na contemporaneidade, não preconiza a resistência das religiosidades plurais do sagrado, é mais centralizado nos seus interesses geopolíticos. Nele o processo de ocorrência devocional é envolto no mito de Maria, centrado na prática dos cultos, que assumem o compromisso de libertação dos males biológicos e sociais. Porém, o catolicismo personifica Deus na figura humana masculina, esse é um processo patriarcal e de controle excludente, no qual o fiel, na busca de sua proximidade com a divindade, também naturaliza tal efeito dominador (CAMPOS; NASCIMENTO JR., 2013).

O espaço geográfico e, especialmente, seu contexto patrimonial, portanto, é compreendido com base nos valores, práticas e múltiplos sentidos constituídos por uma dinâmica pouco estável e discernível. Isso não quer dizer que é uma definição, a partir de uma perspectiva, seja de falseamento ou a plenitude da realidade.

O que levantamos como questão é: existe conceito estritamente definido? Talvez não tenhamos condições de responder à questão. Por isso, a opção é compreender que o marianismo fatímida diocesano torna viável uma compreensão geográfica lugarizada espaço-temporal-culturalmente, tendo como metodologia revisões de fontes documentais bibliográficas, sites, matérias de jornais, redes sociais, iconografias e experiências de sete anos na cidade.

É importante lembrar também que o artigo foi desenvolvido a partir de ensaios pessoais acerca da geopolítica da religião, leituras e debates na disciplina “Espaço, Território, Paisagem e Região”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, ministrada pelo professor “José Borzacchiello da

Silva” e pela professora “Alexsandra Maria Vieira Muniz”. Além de leituras-discussões realizadas no grupo de estudos, – Comunicação Patrimonial e Representações do Espaço (COMPARE) –, do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos – LEGES.

Reconhecemos, mediante a discussão acima exposta, que as reflexões sobre espaço geográfico ajudam a elucidar a realidade empírica voltada aos modos de ser religiosos mais eclesial que popular. Com isso, o conceito de cultura auxilia na intenção de considerar o bispado, geograficamente, no âmbito dos significados do imaginário sobralense dos sujeitos – pessoas ou coisas – sem excessivas exaltações. E o conceito de lugar situa a discussão no contexto das relações espaciais de identificações sociais.

São algumas das discussões deste artigo nas seções a seguir.

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Os lugares não são estritamente materialidades, são também imaterialidade fenomênica, situada nas relações espaço-temporais do marianismo da Diocese de Sobral (CE). Cada pessoa constrói, à sua medida, nas suas experiências identitárias mundanas e religiosas, um lugar. A diocese teve a sua sede construída em 1915, adotando como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Possuindo sentidos temporais e circunstancial de uma devoção, criou a religiosidade sobralense com difusão/irradiações multiescalares. Somos simpáticos ao contexto da construção religiosa da cidade. Entretanto, o nosso empenho é de reforçar a circunstancialidade mariana para ajudar a compreender alguns sentidos situados no lugar.

Werther Holzer (2011) reivindica nos estudos fenomenológicos uma simpatia pelas essências, resultado das experiências humanas na Terra, estatuto com o qual tanto Dardel (2011) quanto Marandola Jr. (2014) concordam. Como premissa, é preciso interrogar os sentidos das coisas, descobrindo um mundo fenomenológico individual e coletivo, que não é restrito à coisa pela coisa, em suma, a uma morfologia das formas, mas um mundo questionado nas suas relações de ser-no-mundo, explicitamente uma

crítica às grandes estruturas mercadológicas que parecem locações bem delimitadas, mesmo em escala planetária.

Lukermann (1964) faz o esforço de demonstrar o locacional do ponto de vista do encontro das pessoas com o mundo. Este mundo não é a Terra enquanto planeta ou a sua condição físico-biológica, é também a construção do lugar a partir das experiências lugarizadas, abertas aos mundos transcendentais que ajudam a explorar as práticas humanas. Diante disso, o lugar é mais do que um local de referência, a casa, a rua e o bairro. Em Tuan (1983), ele tem com elos afetivos entre pessoas e os ambientes, cotidianos e cosmológicos. Como isso, o desafio é estabelecer um diálogo sobre a religiosidade do catolicismo tradicional na geografia, pensando uma reflexão incipiente e pós-moderna acerca da tendência conservadora revestida de ideologias que impedem as camadas populares de terem acesso aos lugares sacro-profanos como, por exemplo, as catedrais. Diante disso, as revisões de fontes documentais bibliográficas, como essas citados no âmbito metodológico, sites, matérias de jornais, redes sociais, iconografias e experiências de sete anos na cidade, nos ajudaram no ato de compreender seletivamente esta temática geográfica.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO

O espaço geográfico é uma categoria importante da geografia pela sua construção histórico-epistemológica, o objeto de estudo da Geografia, especialmente com o advento da Geografia Crítica no Brasil, com maior avanço nos anos de 1970 e 1980 (HAESBAERT, 2014). Ainda que tenha relação com outras ciências, o espaço pode assim compreender particularidades da sociedade no âmbito da ciência geográfica. A sociedade se transforma rapidamente e em escalas variadas. É assim que o espaço, na sua complexidade, envolve discussões de outros conceitos, como lugar, que também discutiremos mais adiante. O geógrafo Rogério Haesbaert (2014) reconhece que podemos pensar uma constelação de conceitos ou sistemas de conceitos em conexões fluidas.

O espaço também é uma dimensão social no sentido da sociabilidade, afinidades, identidades e transcendências, já dita anteriormente, envolvida em uma multiplicidade plural por vez objetiva ou subjetiva carregada de representações e simbolismos. Tratamos da esfera da produção contínua de reconfigurações espaciais ou espacialidades. É na sociabilidade construída cotidianamente que diversos atores sociais vivem e convivem com seus iguais e diferentes, participam de várias atividades em conjunto, voltadas para o lazer ou mesmo para resolver problemas mais corriqueiros, como falta de energia em uma rua, dentre outras.

A mobilidade é associada à rapidez das transformações da sociedade, principalmente do século XXI, marcadas pela tecnificação das ações dos indivíduos e de suas visões de mundo. Milton Santos (1988) considera que a hipermobilidade não seria somente mundial, pois a internacionalização com mutabilidade transpõe fronteiras nacionais e suas contradições criam expansão da tecnologia, surtindo efeitos nos sujeitos por meio da técnica, que forja complexa dialética de conexões com o objeto e o mundo. Quer dizer, deve-se em particular ao meio técnico-científico-informacional, ou seja, ao avanço acelerado da informação e da comunicação, que tem interligado grupos por laços com extrema velocidade, impulsionando o imediatismo das notícias sobre os modos de vidas e tantas outras questões.

A técnica e o fator econômico são, paulatinamente, elaborados pela lógica capitalista com grandezas universais. Em seus processos globais, não produzem apenas um mundo “social-material”, visto que criam uma cultura, um mundo de símbolos, de significações, práticas e de imaginário social, que em sua particularidade se torna global. Não se estaria falando, dessa forma, de uma cultura-mundo apenas baseada em trocas de mercado em escala internacional ou em virtude da erosão de fronteiras geográficas, mas também se consideraria que esse processo é desregular e global, com impactos em todas as esferas da vida social e individual (LIPOVETSKY; SERROY, 2011).

Acontece, no entanto, que, no nosso entendimento, não há um grande abismo entre o espaço fundamentado pela fenomenologia e as abordagens supracitadas. Em suas reflexões sobre o Espaço na Geografia, Dardel (2011), inserido no âmago dos estudos humanistas e culturais, viu a experiência como uma revisão “humana, interior e

social” que dispõem, à imaginação e à sensibilidade, a oportunidade de descobrir implicações que o olhar geográfico ajusta de acordo com suas intencionalidades. São inquietações e provocações, influenciadas pelas proximidades ou intimidades, que sugerem interpretações além dos limites “objetivos” ou explicações que se encerram na superfície da Terra. É preciso, para tanto, na busca por significados das práticas experimentadas pela pesquisa, do esforço para se evadir dos primeiros sentidos e aceitar outros. Não quer dizer perdê-los, em uma “fuga de si”, trata-se de complementar as reflexões que parecem óbvias (DARDEL, 2011, p. 95).

É um apelo romântico, que surge da materialidade emprestada pelo espaço. Não quer dizer que está voltado unicamente à marcação locacional espaço-temporal, é algo qualitativo que exige menor esforço para quem está mais perto e um maior esforço para quem está mais longe, exprimindo significados expressos pelos símbolos do caminho. Está distante é algo além de uma cartografia cartesiana, é um comportamento da imaginação, uma aventura. O espaço liberta ou aprisiona o ser humano, presumindo a essência geográfica situada, com variações e descobertas mundanas (LUKERMANN, 1964). Nesta direção, Relph (2014) compreende que a essência implica continuidade e experiência aberta ao mundo dos significados.

A intenção de demonstrar a Terra como base da existência indica um esforço de superação do que a geografia apreciava nos seus discursos políticos. O discurso da experimentação é posto em suspensão. A existência é lugarizada no repouso espacial, assim, a consciência ganha firmeza e projetamos encontros com o mundo. E o lugar é *aqui* espacialidade, modo de ser, das tomadas de consciência, do desbravamento, é o *lar* na sua primitividade, almejando-se o *lá* em direções sinuosas (MARANDOLA JR., 2020). Ele não fixa uma fórmula de pensar lugar, porém concebe situações que assinalam possibilidades de leituras do espaço geográfico com continuidade, e a partir da cultura tomar partida para o entendimento das experiências humanas.

A CULTURA: DA PRÁTICA AO SIGNIFICADO

O conceito de cultura é primordial na análise. Em Bakhtin (1987), ele é desenvolvido com base na obra de François Rabelais. O arcabouço teórico faz alusão à multiplicidade das manifestações da cultura por meio das formas, dos ritos e espetáculos. Essas duas estariam interligadas aos festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas. Nenhuma festa se realizava sem a intervenção de elementos cômicos, como, por exemplo, a eleição para rainhas e reis. Na cultura festiva, despontava um vocabulário familiar e grosseiro ou grotesco, insultos, juramentos, brincadeiras populares, danças e risos. Tais manifestações estéticas festivas através de exageros contribuem com um ciclo de renovação e agregação de valores à cultura através das práticas. O processo referido corresponde ao conceito de cultura pensando na perspectiva das relações sociais. Nesse sentido, se a cultura é praticada nas relações sociais no espaço, também é metodologicamente inventada no cotidiano, nas vivências, nos gestos, no consumir e em tantos outros processos de convívio mútuo.

Inventar a cultura em Wagner (2010) significa uma abertura que permite exprimir motivação e criatividade. Somos criativos ao criar nossos termos, tomar emprestadas nossas palavras e conceitos para elaborar significados e nos recriar interpretativamente mediante esforços. A invenção é um processo objetivo de criação por meio de práticas culturais e afetos que apontam para compreensões diversas.

O termo cultura é altamente polissêmico. Ele revela uma percepção da diversidade dos modos de vida humano, dos costumes, dos símbolos ou das práticas que os seres humanos utilizam nas diversas esferas de sua vida pessoal ou coletiva. O olhar geográfico nos indica que essas práticas têm uma dimensão espacial, que requerem uma organização de territórios ou uma interação com o meio ambiente, levando a uma adaptação deste ou à sua transformação (BERDOULAY, 2016).

A cultura produz implicações geográficas no espaço, influenciadas pelos sentidos das práticas cotidianas, presente na vida da maioria das pessoas; detentores de saberes sobre o lugar onde moram. A cultura se traduz pelas ações produzidas pelo homem, independentemente das crenças, e revelam práticas e simbolismos impregnados de vida. E “os lugares e, para além, não podem ser compreendidos senão em referência ao universo cultural”, como bem sinaliza Bonnemaïson (2002, p. 110). Cumpre salientarmos

que a compreensão da cultura também é do lugar. Todavia, reconhecemos que a cultura não é uma totalidade, comum a todos os membros de uma sociedade. “Ela resulta de um processo de construção sem fim [no espaço], levado a cabo pelos indivíduos [nos lugares]” (CLAVAL, 1997, p. 96).

Nesse sentido, a proposta é não perder de vista o esforço epistemológico/metodológico no tocante à ciência geográfica para com a cultura. Neste caso, a cultura é encarada a partir de uma interpretação dos significados das experiências religiosas, compreendendo lugaridades em diferentes dinâmicas espaciais-ontológicas. Corrêa (2007) considera que os seus significados podem estar ancorados nas ideias de heranças e tradições, mas também voltados para criatividade da vida nos lugares. Sugere-se que atos simbólicos e dimensões simbólicas sejam elementos cruciais na interpretação da cultura. Espaço-tempo são partes integrantes do processo elementar de aportes que identificam a pluralidade da cultura.

A abordagem cultural da geografia implica em compreender com experiências. Por isso, escrevemos significados da cultura por meio das experiências vividas, compartilhadas e imaginadas a partir da temporalidade que nasce das relações com as coisas, nunca completamente constituída, sempre possível de uma revisão (MERLEAU-PONTY, 1999). Em Claval (2007), a imaginação é preponderante nas interpretações da cultura, a partir do recolhimento de aspectos particulares lugarizados.

LUGARIDADE NA EXPERIÊNCIA ESPACIAL

Na lugaridade atentamos para a importância dada às práticas humanas, às diversidades de saberes, aos desejos e às aspirações, ou seja, uma geografia emergente própria do sujeito transcendental, em outras palavras, o modo de ser em situações geográficas variadas, que tentam entender as relações mundanas com o lugar (MARANDOLA JR., 2014). Para a geografia, é preciso incorporar essas diversidades nas suas dimensões de análise para adquirir um estudo de saber universal. Essa demanda também deve considerar todas as sociedades, suas diversidades, em diferentes graus e representações. Ademais, uma experiência espacial “nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita” (CLAVAL, 2010, p. 55). Os

saberes produzidos no ato de viver permitem que os sujeitos criem sentidos e orientações espaciais, que se tornam elementos indispensáveis para os indivíduos engendrarem conhecimento do lugar.

A partir do trabalho de Relph (1976, 1985), outras pesquisas surgiram com a premissa de ampliar o estudo do lugar para além do estado afetivo do local. Uma das inclusões das ideias do autor foi ajudar em uma possível superação do lugar enquanto conceito ou categoria, definido pela sua completude, manifestado por escalas econômicas que, inclusive, poderia ser transposto ou recriado com padrões de mercado, é a promoção da essência contextualizada com estética e experiência significativa dos fenômenos de que dispõe o mundo. Por outro lado, outras pesquisas continuam acontecendo em ordens diversas, adensando a abordagem fenomenológica, revendo limitações e desafiando a Geografia. Isso depende fundamentalmente da motivação dos sujeitos para estimular suas capacidades de orientação para direções locais e sem limites.

Sem escala precisa, a memória do lugar é fluida, encarnada na busca por uma relação homem-terra. O lugar é mundano e dinâmico na temporalidade de cada um, seja aqui no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. É esse lugar que Marandola Jr. (2014) pontua no entendimento das mudanças que vêm acontecendo na modernidade nos últimos tempos, principalmente em decorrência do contexto pandêmico, e de tensões estatais entre potências econômicas.

Marandola Jr. (2014) escreveu que as circunstâncias do ser-no-mundo e as suas formas de habitar, sem reificar ou objetificar, sugerem uma discussão ontológica (ser e pensar) do lugar. Trata-se da lugaridade que vai além de um ser geral com respostas imediatistas, colocando o pensamento nas grandes extensões topológicas. Ele interpreta o lugar na obra de Tuan (2012) para além das sensações de pertencimento, criticamente acrescenta que antes do entendimento sobre o lugar, promove-se um debate sobre a dimensão da experiência de mundo, propondo a superação de uma importante questão ontológica – sujeito e objeto. É preciso entrelaçar modos de ser espaço, lugar e entes (coisas quaisquer), oferecendo compreensões inter-relacionadas, que não se resumem à extensividade cartesiana, mas uma relação de (sujeito-objeto).

MARIANISMO SITUADO NO LUGAR

O marianismo de Sobral é associado ao movimento patrimonial da cidade em nome da religiosidade mariana, que referenda a imagem de Nossa Senhora da Conceição, na catedral da Sé (Figura 1). As manifestações marianas voltadas à padroeira, em geral, são mais empenhadas em estabelecer um discurso eclesial hierarquizadas. Esse processo difuso ou irradiativo é preliminarmente chamado de fatimização porque há relação com capacidade das manifestações de Nossa Senhora de Fátima de se irradiar em múltiplas direções cartográficas, no âmbito de Fátima a muitos países. A compreensão do que estamos demarcando como Fatimização sacro-profana é a lugaridade, que se amplia com o discurso mariano presente na cidade, ao adentrar na religiosidade contemporânea, produz lugares de referência à nossa senhora.

Figura 1 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição, catedral da Sé de Sobral (CE)

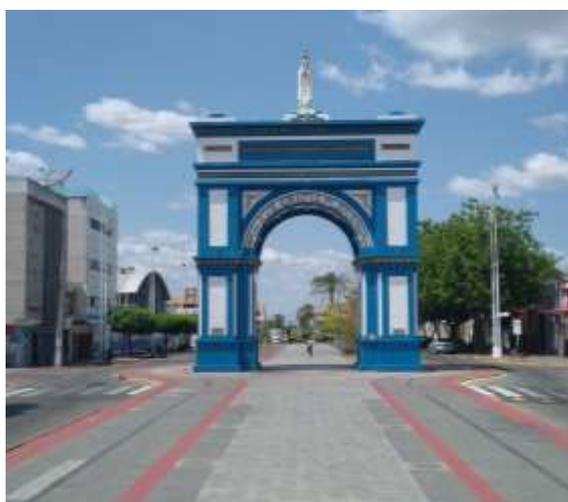


Fonte: Acervo do autor, 2022.

A devoção mariana de Sobral é esteticamente reconfigurada no Arco do Triunfo Mariano, inaugurado em 1953, em homenagem à passagem da imagem peregrina de Fátima em alguns municípios do estado do Ceará. O Arco de Fátima (Figura 2), na Avenida Doutor Guarany, foi ideia do bispo Dom José Tupinambá da Frota (BRASIL, 2017). A localização do monumento, também é chamada de Boulevard do Arco, ainda

não sabemos dizer se é uma referência à modernização de Paris, à moda haussmanniana (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013), vamos nos conter quanto à amplitude do contexto histórico, mas cientes de que geraria uma extensa discussão se comparado ao arco napoleônico construído na França. A cidade foi uma das contempladas com a peregrinação religiosa de Fátima. O monumento e a avenida passaram por algumas reformas após a ascensão política da família Ferreira Gomes, tornando-se uma atração turística, para turistas religiosos ou não, e também um lugar de encontros de diferentes grupos sociais.

Figura 2 - Arco Nossa Senhora de Fátima de Sobral (CE)



Fonte: Acervo do autor, 2022.

O bispado demonstra o interesse de mediação de um movimento de renovação estratégico que dissemina um marianismo com fluidez mediada pelos seus agentes eclesiais, situado a partir dos lugares sagrados de forte apelo popular. Essa difusão ocorre também por rádios, TVs e Internet, inclusive, com rapidez e de moderno controle midiático.

Na Tabela 1 podemos observar brevemente o poder interno da Igreja Católica, sustentado numa ordem tempo-espacial de nomes que demarcam uma parcela da geopolítica da religião sobralense e a manutenção do marianismo conservador.

Tabela 1 - Bispado de Sobral (CE)

BISPADO DA CIDADE DE SOBRAL NO ESTADO DO CEARÁ	
7º José Luiz Gomes de Vasconcelos	2015-atual
6º Odelir José Magri	2010-2015
5º Antônio Fernando Saburido	2005-2009
4º Aldo de Cillo Pagotto	1998-2004
3º Walfrido Teixeira Vieira	1965-1998
2º João José da Mota e Albuquerque	1961-1964
1º José Tupinambá da Frota	1916-1959

Fonte: Adaptado de Brandão (2015).

A relevância da temporalidade e dos nomes mostrados na tabela não servem apenas para se referir a uma rotina oficializada do bispado de Sobral, mas também encena uma geografia da própria Igreja Católica e as suas reestruturações espaciais da cidade em direções estaduais do Ceará, nacional e, até mesmo, internacionalmente. Por isso, decidimos não imitar uma retrospectiva dos sujeitos em cena, nem desvelar um roteiro biográfico, alguns destes já são brevemente situados na *Cronologia Sobralense* de Araújo (2015).

Conforme o exposto, a sequência bispal é impregnada de um marianismo que, eventualmente, atesta canonicamente a superioridade devocional mariana com hegemonia masculina. O modelo masculino difusor da religiosidade incorpora uma segmentação nos moldes divinos da “mãe de todos”, enquanto produz códigos segregadores voltados à mulher. Eis algumas fabulações figurativas e heroicas que marcam um recorte histórico de cerca de mais de quarenta anos (no primeiro bispado), de quatro anos (no segundo bispado) e de mais de trinta anos (no terceiro bispado) os quais são lugarizados em nomes de escolas, hospitais, avenidas dentre outros. Esse marianismo é centralizado na sua própria geopolítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço geográfico denota práticas humanas para além de uma rotina oficial, neste caso, compreendendo o marianismo de Sobral por uma sequência bispal que

conta parte da história devocional mariana da cidade. Mas que, diante da pluralidade interpretativa, inquieta pesquisadores, colocando em pauta temários da cultura, tais como: religião, simbolismo, lugaridade e o sagrado.

Inquietações a respeito do espaço-tempo possibilitam a criação de interpretações geográficas dos significados da cultura. Nesse viés geopolítico da religião, a fatimização, – dinâmica patrimonial difusa ou irradiativa e estruturante do bispado de Sobral –, foi tratada como problematização, capaz de produzir significados contínuos. E a (método)logia usada permitiu-nos compreender alguns dos anseios a respeito do catolicismo oficial, na postura conservadora, política e controladora do marianismo masculino. Assim, o marianismo se desvencilha de um sentido pleno, de que o seu tempo estaria resumido a uma hierarquia bispal e locacional, com referência a Nossa Senhora da Conceição, de Fátima e outras.

Para nunca concluir, a amplitude inesgotável do espaço geográfico é um horizonte aberto a novas experimentações, por isso o que fizemos foi produzir uma compreensão através de um regime de atenção aos fenômenos religiosos de alcance perceptivo, revisando uma poética espacial heroica de monumentalidade simbólica lugarizada em museus, bairros, ruas, avenidas e estátuas. Entretanto, o heroísmo não é simpático a figuras femininas abolicionistas sobralenses, como, por exemplo, Maria Tomásia Figueira Lima, ou aos novos movimentos religiosos, resistentes a um conservadorismo corporativista-clérigo, que merecem um retorno em redações futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sadoc. **Cronologia Sobralense: 1604-1950**. Fortaleza: Edição ECOA, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 1987.

BERDOULAY, Vicent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

BRANDÃO, Miguel Arcanjo Fernandes. **Arcebispos e Bispos do Centenário da Arquidiocese**. Arquidiocese de Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/centenario-da-arquidiocese-de-fortaleza-jubileu-centenario/arcebispos-e-bispos-do-centenario-da-arquidiocese/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRASIL. Catálogo. 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=437050&view=detalhes>. Acesso em: 6 jul. 2021.

CAMPOS, Roberta Bivar C.; NASCIMENTO JR, Joaquim Izidro do. Em Juazeiro do Norte, Nossa Senhora é Deus-mãe: um feminismo mariano?. **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 2, p. 174-197, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/hcBzVnXyWj8T9Q5yMXQvNZx/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2022.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. (Trad. Domitila Madureira). São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço – Algumas considerações. **Aurora - Geography Journal**, v. 1, n. 1. 2007. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/aurora/article/view/1680>. Acesso em: 13 jun. 2016.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 140-153.

HAESBAERT, Rogério. Por uma constelação geográfica de conceitos. In: HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: Território e multi/territorialidade em tempos de insegurança e contenção**. v. 1, 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 19-51, 2014.

LUKERMANN, F. Geography as a Forma Intellectual Discipline and the Way in wich it Contributes to Human Knowledge. **Canadian Geographer**, v. 8, n. 4, 1964.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 1-12, 2020.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PANERAI, P.; CASTEX, J.; DEPAULE, J. **Formas Urbanas:** A dissolução da quadra. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Editora Bookman, 2013.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 17-32, 2014.

RELPH, Edward. **Place and placelessness.** London: Pilon, 1976. 174p.

RELPH, Edward. Geographical experiences and being-in-the-world: The phenomenological origins of geography. In: **Dwelling, place and environment.** Springer, Dordrecht, 1985. p. 15-31.

SANTOS, Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças. **Espiritualidades Turismo e Território:** estudo geográfico de Fátima. Ed. Principia. 1.ª edição – novembro, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo, Cosac Naify, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Trad. Lúvia de Oliveira) Londrina: Edel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução por Lúvia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Antonio Jarbas Barros de Moraes - Doutorando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/Sobral-CE), Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES/UFC) e integra também as redes de pesquisa: Rede de Pesquisa em Turismo Religioso no Nordeste (REPETUR) e Observatório de Paisagens Patrimoniais das Artes Latino-Americanas (OPALLA). Interessado em estudos na área da educação e da Geografia Cultural, em especial, na Geografia da Religião.

Recebido para publicação em 07 de dezembro de 2021.

Aceito para publicação em 19 de dezembro de 2022.

Publicado em 27 de dezembro de 2022.